

## **Ativismo Mediado: Entre o acontecimento midiático e o folkcomunicação**

TRIGUEIRO, Osvaldo M. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa (PB): Editora Universitária UFPB, 2008, p. 162.

Por Felipe Simão Pontes<sup>1</sup>

A ação de atores sociais como mediadores entre os produtos dos meios de comunicação e a vida cotidiana demonstra a necessidade de repensar a comunicação em sua interferência na sociedade. O trabalho de Osvaldo Meira Trigueiro *Folkcomunicação e Ativismo Midiático* é uma importante contribuição para pensar a atuação de atores sociais na ressignificação e ação perante o cotidiano e a programação da televisão, principalmente.

O livro é dividido em duas partes. Na primeira, o autor realiza uma síntese de sua tese – defendida em 2003 na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) –, destacando a discussão de seu referencial teórico e a experiência de intervenção midiática de diferentes agentes na cidade paraibana de São José de Espinharas. Na segunda, Trigueiro apresenta três estudos de caso que envolvem a comunicação via cordel, cultura nordestina, religiosidade, televisão e jornais impressos.

Tomando a realidade latino-americana como pano de fundo e a nordestina como objeto de observação, o autor confronta dois conceitos: o de mediação, de Jesús Martín-Barbero; e o de folkcomunicação, de Luiz Beltrão. Sob o foco da audiência ativa, ele usa o conceito de ativismo midiático, entendendo que o público transforma o conteúdo que recebe, produzindo novos produtos de significação. Esses, adaptados à demanda cotidiana de cada comunidade/ grupo social.

Para fechar esse quadro referencial, Trigueiro localiza e contextualiza no conceito de cidades rurbanas a ação dos diferentes atores sob a influência midiática. Assim denominados por Gilberto Freyre, esses espaços mesclam características rurais em regiões urbanas, os costumes e o folclore do tradicionalismo com conceitos globais advindos também dos meios de comunicação. O neologismo abrange principalmente cidades pequenas (até 20 mil habitantes), com forte conotação rural, nas quais a vida do campo permanece orientando práticas da cidade (pequenas redes de comunicação via fofocas, conversas nas praças, a igreja como reunião da comunidade, etc). O conceito de Freyre acaba recortando o objeto de estudo do autor, a cidade de São José de Espinharas.

Ainda que aqui as cidades rurbanas sirvam para completar a apresentação do circuito conceitual proposto pelo autor, essa denominação abre as discussões da obra. O viés do autor inova quando busca as transformações e hibridismos que a televisão proporciona em cidades de até 20 mil habitantes, em que o ritmo de vida da população, na opinião do autor, seria diferente da dos grandes aglomerados nacionais e mundiais. Nesse aspecto, o objeto do estudo

“é a televisão, no contexto e nas dinâmicas dos processos de apropriação desenvolvidos pelas redes de comunicação cotidianas, folkcomunicaçãois, que está inserida nas tramas de sobrevivência de uma comunidade em transição do rural para o urbano, que vive em uma das regiões mais pobres do Brasil, mas que está conectada com o mundo

---

<sup>1</sup> Jornalista formado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

globalizado e de olhos abertos para o horizonte planetário”. (TRIGUEIRO, 2008, p. 19-20)

No entanto, da mesma forma que os estudiosos apontam categorias como a de hibridismo cultural nas cidades globais, o autor certifica-se que tais princípios que unem cultura e comunicação permanecem válidas também para estudar cidades pequenas, como São José de Espinharas. O primeiro questionamento aberto pela abordagem do autor é justamente qual viés comunicacional – ou folkcomunicacional – diferencia cidades rurbanas de cidades globais, comunicação rurbana de comunicação global (já aqui, em uma apropriação do termo).

O segundo capítulo expõe o jogo teórico proposto, no qual folkcomunicação e mediação encontram espaço. Na folkcomunicação, a apropriação de Beltrão do conceito do *two step flow* de Lazarsfeld aponta os líderes populares como autênticos disseminadores e produtores de comunicação. A proposta de Beltrão inova pelo deslocamento de atenção dos estudos, agora não mais no resultado da emissão, mas na articulação da audiência. O processo clássico emissor – meio – receptor é cindido e multiplicado, já que o receptor é produtor e meio, o determinante no processo que o mergulha no contexto cultural e o transforma em um ativista – como prefere chamar o autor.

Mediação, para o autor, avança na idéia de Beltrão quando insere o receptor em interações sociais. Não mais o que passa na televisão, mas o que se passa na sala enquanto a televisão está ligada. Como os atores sociais comportam-se com os conteúdos adquiridos pela mídia e os transformam para seus estilos e dinâmicas de vida. Sob esse aspecto, os atores não tomam suas decisões apenas com base na televisão, mas nas redes de relações que tecem no ambiente familiar, escolar, de trabalho, de convivência cultural e de debate político. A mídia é sim fundamental, mas, principalmente quando colocada sob o prisma das relações culturais.

É nesse nível comunicacional que os ativistas midiáticos atuam. Nos interstícios ignorados por muitos produtores de comunicação ou de estudos focados na autoridade exclusiva da mídia. Ao notar esse espaço, uma ampla realidade descortina-se, especialmente em circunstâncias tão marcantes como a cultura nordestina. O ativista midiático desponta como produtor e articulador, um novo pólo que alimenta opiniões e exerce influências no processo de interpretação da mídia. A intervenção folkcomunicacional acontece midiaticamente por estar consonante ao papel global desempenhado pelos meios e à realidade local vivenciada pelo grupo.

O autor apresenta na sequência dois capítulos para exemplificar o sistema proposto. No primeiro, localiza a escola como espaço de interação, o professor e o aluno como atores e a televisão como mídia. Essa interação é marcada por discussões sobre temas de interesse público ligados à política, à arte, ao pensamento crítico e ao processo de transformação intelectual. No caso, Trigueiro acaba trazendo para a discussão de sua proposta teórica um viés muito caro para a educomunicação: como a relação de aprendizagem pode ser dinamizada pela mídia. Nisso seu sistema se encaixa quase sem ressalvas e adaptações à educomunicação, já que o próprio espaço da escola aponta para questionamentos, para a busca de novos recursos para fundamentar as aulas e para própria dinâmica em sala de aula.

O outro capítulo, quarto do livro, mergulha mais profundamente na proposta do percurso teórico, já que tenta mapear ativistas midiáticos que utilizam a televisão como forma de ressignificar os comportamentos da cidade rurbana de São José dos Espinharas. Um salão de beleza onde um grupo de jovens da cidade discute telenovelas e temas polêmicos da tv, uma gincana inspirada em um reality show, teatros com temas de discussão pública, as dinâmicas do consumo global no interior, a psicologia de ilusões de consumo pregadas pela mídia e

impossibilitadas pela realidade de grupos populares. Um cabeleireiro, uma assistência social e um camelô: ativistas midiáticos que trabalham na ressignificação defendida pelo autor.

A segunda parte do livro apresenta o ativismo midiático sob três enfoques. O primeiro, indica como um agente popular – frei Damião – é tratado pelo jornalismo impresso e pela literatura de cordel. Principalmente, como os cordelistas “traduzem” para a linguagem popular a morte do frei, muitas vezes sob a influência dos conteúdos veiculados na imprensa. O segundo enfoque do autor dirige-se às interpenetrações da literatura de cordel e de programas de tv. Trigueiro busca pistas para demarcar como a tv influencia o trabalho e os temas dos cordéis e, por outro lado, como a interpretação popular e a opinião que circula pelos cordéis pode interferir na programação e modo de abordagem de programas da tv.

O terceiro enfoque, trabalhado no último capítulo do livro, foge um pouco das características do autor que liga o ativista midiático ao folkcomunicação. Como a atenção do texto dirige-se também à atuação do papa João Paulo II como ativista que reinterpreta e influencia a grande mídia, o autor toma como referencial o conceito de acontecimento midiático. Na visão de Trigueiro, o papa consegue atuar tanto na grande mídia como nas mídias alternativas, como um ativista global e local, uma figura que consegue articular tradição e contemporaneidade. Nesse intento, o autor apresenta tanto a cobertura da imprensa quanto dos cordéis em momentos diferentes da vida e morte do papa.

Ainda que essa segunda parte apresentem trabalhos mais voltados para a análise de casos práticos, importantes contribuições podem ser encontradas aqui, inclusive como forma de discutir a proposição teórica da primeira parte. O conceito de ativismo midiático atribuído ao mesmo tempo ao papa e a um cabeleireiro de São José dos Espinharas conforma um conceito amplo, ainda de difícil recorte. O autor atribui o conceito de ativista midiático a um personagem tratado pela mídia, um produtor de acontecimento midiático, um professor de escola pública e uma pessoa da comunidade que organiza discussões sobre temas trabalhados na novela. São diferentes níveis de intervenção e ação na mídia, o que pode levar o termo ativismo midiático a uma polivalência perigosa. Sem comentar ainda as denotações políticas que o conceito de ativismo carrega.

Em outro aspecto, o livro lança o desafio a todos ao propor que as circunstâncias comunicacionais em cidades rurbanas diferem das grandes cidades. Cabe a ressalva, todavia, que os estudos de folkcomunicação apontam regionalismos e tradições de cidades rurais mesmo em grandes centros urbanos. Podem ser citados casos de vilas, grupos religiosos ou até mesmo grupos etários que partilham comportamentos e maneiras de se comunicar similares aos apresentados pelo autor na cidade estudada. Vale lembrar também toda a relação mítica que o homem dos grandes centros envolve frente ao desejo de seu retorno à vida rural, como o sonho da casa no campo, o desejo de contato com a natureza, etc. Nisso, o conceito geográfico de Gilberto Freyre de cidades rurbanas pode avançar para outros como “mentalidades rurbanas” ou formas rurbanas de manifestação da cultura e da comunicação.

O texto de Trigueiro torna-se passagem obrigatória para aqueles que estudam as relações conceituais entre folkcomunicação e mediação, em especial para os que atentam para a figura do mediador, do agente comunicacional que atua na hermenêutica de conteúdos veiculados pela mídia. Uma outra contribuição valiosa para é a recuperação do conceito de Freyre de cidades rurbanas, ficando a (in) consequente proposta em trazê-lo mais para perto da comunicação, como uma possível categoria para pensar as relações entre o rural e o urbano da nossa área.